

RELIGIÃO E PROJEÇÃO EM FREUD. ELEMENTOS PARA O DEBATE ENTRE PSICANÁLISE E RELIGIÃO

RELIGION AND PROJECTION IN FREUD. ELEMENTS FOR DEBATE BETWEEN PSYCHOANALYSIS AND RELIGION

FABIANO VELIQ**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL

Resumo: O presente artigo visa a ser uma contribuição para o debate entre Religião e Psicanálise a partir do conceito de projeção formulado por Freud. Freud várias vezes é colocado como defensor de um ateísmo do qual não se pode escapar na contemporaneidade e em poucos momentos é pensada a “sobrevivência” da religião apesar das críticas de Freud. Neste artigo procuraremos trabalhar a noção de religião no pensamento freudiano a partir do conceito de projeção mostrando que a crítica de Freud à religião não se encerra apenas como ilusão, mas pode ser extremamente válida para pensar a religião na contemporaneidade. Ao invés de uma superação da religião como queria Freud, sua crítica possibilita uma ressignificação da religião e por isso se constitui algo a ser estudado de forma mais pormenorizada.

Palavras-chave: Projeção. Religião. Ilusão. Psicanálise.

Abstract: This article aims to be a contribution to the debate between religion and psychoanalysis from the concept of projection made by Freud. Freud often is placed as a defender of atheism, which one cannot escape in the contemporary and in a few moments is thought the "survival" of religion despite criticism of Freud. In this article, we will try to work the notion of religion in Freudian thought from the concept of projection showing that criticism of religion made by Freud does not end only as an illusion, but it can be extremely valuable to think about religion in contemporary times. Instead of an overcoming of religion as wanted by Freud, his criticism provides a reframing of religion and so it is something to be studied in more detail.

Keywords: Projection. Religion. Illusion. Psychoanalysis.

* Artigo recebido em 01/07/2016 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 10/11/2016.

** Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil. Professor da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3529545789104989> . E-mail: veliqs@gmail.com

1. Introdução

O diálogo entre Psicanálise e religião é algo que acontece desde o início do movimento psicanalítico. Este diálogo tem proporcionado grandes avanços para ambos os lados e não raras vezes pode-se notar certa confluência de interesses entre a psicanálise e a religião. Ambas procuram lidar com o desamparo (*Hilflosigkeit*) do ser humano. A religião para isso postula um transcendente, um sentido último para a existência de forma que o homem se sinta inserido em uma espécie de plano maior da existência. A psicanálise por sua vez propõe um mergulhar no inconsciente para que a partir do próprio conhecimento o homem lide melhor com seu desamparo estrutural, visando reconciliar o homem com seu desejo; sem transcendente, sem um sentido último, sem promessas, buscando com suas próprias forças, através da linguagem acessar as inscrições das pulsões de forma a lidar melhor com o desejo que habita este homem que sofre. Nota-se que na base da experiência religiosa e da experiência psicanalítica encontra-se o mesmo fenômeno: o sofrimento humano, atormentado por seus conflitos, por seu mundo, por outros homens. Um ser angustiado que se move buscando caminhos para viver melhor consigo mesmo e com os outros. Dessa forma, a experiência religiosa e a experiência psicanalítica aparecem como integradoras de vivências e conflitos desagregadores, e quando bem percorridas, podem produzir uma nova ordem para o homem onde um sentimento novo se apresenta e uma razão nova aparece.

A psicanálise, como bem nos lembra Koltai, “além de ser uma terapêutica do sujeito, é também uma teorização da relação que este mantém com o mundo, razão pela qual as transformações sociais interessam à psicanálise tanto em sua teoria quanto em sua prática.” (KOLTAI, 2012, p.40). Dessa forma, as mudanças que a religião vem sofrendo na contemporaneidade tipificada principalmente por um esvaziamento de uma institucionalização da mesma e uma busca por uma vivência mais pessoal da religião sem vinculação institucional se mostra algo a ser pensado no debate entre psicanálise e religião.

A obra de Freud sobre o tema da religião traz elementos importantes para pensarmos o diálogo dela com a psicanálise. Acreditamos que a partir do conceito de projeção seja possível contribuir para um debate contemporâneo sobre o tema.

Neste artigo procuraremos trabalhar a noção de religião no pensamento freudiano a partir do conceito de projeção mostrando que a crítica de Freud à religião não se encerra apenas como ilusão, mas pode ser extremamente válida para pensar a religião na contemporaneidade. Ao invés de uma superação da religião como queria Freud, sua crítica possibilita uma resignificação da religião e por isso se constitui algo a ser estudado de forma mais pormenorizada.

Nossa hipótese é de que o conceito de projeção pode ser utilizado para se pensar a religião em Freud, e que há uma ligação estreita entre a projeção e ilusão de forma que Freud ao caracterizar a religião como ilusão tem em mente os processos de projeção que são estudados por ele a partir dos casos de paranóia. Acreditamos que ao evidenciar esta ligação entre projeção e ilusão dentro do pensamento de Freud sobre a religião será possível trazer elementos para pensarmos a religião na sociedade contemporânea.

2. Contextualização do Diálogo entre Religião e Psicanálise

O diálogo entre Psicanálise e religião é algo que já dispõe de alguma literatura sobre o tema. No início do movimento psicanalítico Oskar Pfister já inicia um profícuo diálogo com o próprio Freud sobre psicanálise e religião, procurando mostrar como que a psicanálise serviria para os mesmos propósitos terapêuticos que a religião.¹ Nesta mesma esteira pode-se ver os trabalhos de Carlos Dominguez Morano² e Hans Küng³ que procuram trazer elementos da crítica freudiana para pensar a religião. Estes dois autores fazem um diálogo

¹ Cf. FREUD, Sigmund. *Cartas entre Freud & Pfister (1909 - 1939) um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução de Karin Hellen Kepler Wondracek e Ditmar Junge 4ª reimpressão. Viçosa: Ultimato 2003

² Cf.: MORANO, Carlos Dominguez. *Crer depois de Freud*. Tradução de Eduardo Dias Gontijo. São Paulo Edições Loyola, 2003 ; *Psicanálise e religião: um diálogo interminável. Sigmund Freud e Oskar Pfister*. Tradução de Eduardo Dias Gontijo São Paulo Edições Loyola, 2008

³ KÜNG, Hans. *Freud e a questão da religião*. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Campinas: Verus Editora 2006; *Freud and the problem of God*. Tradução de Edward Quinn. Nova York. Doubleday e Company. Inc 1979

interessante com a teologia mostrando como que esta se coloca diante das descobertas psicanalíticas procurando enfatizar uma dimensão mais madura, mostrando que as críticas dele não podem ser renegadas ao ostracismo, ou condenadas a serem lidas apenas por quem não acredita nos pressupostos religiosos. Hans Küng afirma que

Não é mais possível um retorno a um “estágio pré-Freud”, desde que se descobriu a influência dos fatores psicológicos profundos e sobretudo da relação pais-filhos (e com isto também da sexualidade, no sentido mais amplo do termo) sobre a religião, e mais precisamente sobre a imagem de Deus e a distinção entre o bem e o mal. Desde então a religião tem sempre que passar pela análise psicológica.” (KUNG, 2006 p. 110)

Lacan também trabalha algumas relações entre psicanálise e religião tentando mostrar que a verdadeira religião, a romana, no fim dos tempos arrastaria todo o mundo, derramando carga máxima de sentido sobre o real.⁴ Julia Kristeva também traz um diálogo interessante entre psicanálise e religião tentando mostrar as diferenças entre uma concepção e outra insistindo no fato de que a psicanálise não pode querer ser uma religião, mas deve se ocupar do desenvolvimento psíquico do analisando.⁵ Dessa forma, as críticas de Freud devem ser levadas a sério para pensarmos a religião e ao mesmo tempo seu papel na sociedade atual, e por isso acreditamos que este projeto seja um bom passo para pensarmos estas novas direções no diálogo entre psicanálise e religião.

Como a análise da obra de Freud sobre a questão da religião segue geralmente um padrão de mostrar como que a psicanálise a nega e geralmente deixam de lado as contribuições de Freud para o desenvolvimento da religião de uma forma mais madura, acreditamos que há um ganho enorme para os estudos da religião na ênfase que propomos neste trabalho. Os numerosos trabalhos sobre Freud enfocando a questão religiosa geralmente nos dão apenas um panorama das grandes questões levantadas por eles, mas em poucos momentos é pensada a “sobrevivência” da religião apesar das críticas de Freud, que é sempre colocado como defensor de um ateísmo do qual não se pode escapar na contemporaneidade.

⁴ Cf. LACAN, Jacques. *O triunfo da religião precedido de Discurso aos católicos*. Tradução de André Telles. Jorge Zahar Editor Rio de Janeiro ed. 2005 (campo freudismo no Brasil. Série paradoxos)

⁵ Cf. KRISTEVA, Julia. *No princípio era o amor: Psicanálise e fé*. Tradução Leda Tenório da Motta. Editora Brasiliense. São Paulo, SP. 1987

3. O conceito de projeção em Freud

O pensamento de Freud sobre a religião marcou toda a sua obra e em vários momentos ele procura fazer uma análise da religião do ponto de vista teórico, a partir da filosofia. Assoun cita uma carta entre Ludwig Binswanger e Freud datada de 1925 onde este relata que leu Feuerbach durante a juventude, na carta Freud diz que “é verdade, em minha juventude li David Friedrich Strauss e Feuerbach com zelo e prazer.” (ASSOUN, 1978, p. 14)⁶. Neste mesmo livro, Assoun afirma que Freud frequentou durante a juventude os seminários de Brentano com quem teve a oportunidade de estudar filosofia.

Mesmo Freud mantendo uma relação ambivalente em relação à filosofia, é comum na obra dele a utilização da filosofia para fins retóricos. Segundo afirma Assoun,

De um lado, Freud não possui fórmulas bastante incisivas para desautorizar a filosofia e suas pretensões de legisferar sobre a ciência psicanalítica; do outro, reconhece humildemente sua importância na “atividade do pensamento” humano. Por um lado, lança aos filósofos sarcasmos que se aproximam da caricatura e do lugar-comum; por outro, constata-se o retorno constante de referências a certos sistemas que parecem desempenhar uma função necessária na argumentação freudiana em pontos decisivos. (ASSOUN, 1978 P. 10)

Esta relação com a filosofia é importante, pois é possível que várias contribuições de filósofos tenham cooperado para a análise freudiana da religião. A obra clássica de Freud sobre o assunto, *O futuro de uma ilusão* (1927), segundo Assoun, “pode ser inserida na corrente ideológica que se inicia em 1840, na Alemanha, com *A vida de Cristo*, de Strauss, e com a *Essência do Cristianismo* de Feuerbach.” (ASSOUN, 1978, p. 14)

Dessa forma, Freud ao se ocupar da questão da religião, procurará responder questões que estão em voga na sua época e o fará a partir do método psicanalítico que diferirá do método da filosofia por se basear em sua experiência clínica e não apenas em análises de

6 Lemos também em GAY, Peter. *Freud, a life for our time*. 1998 p. 28 “It is significant, though, that the thinker he read with the greatest profit should have been Ludwig Feuerbach.” E Gay também cita uma correspondência entre Freud e ilberstein de 1875 onde Freud afirma sobre Feuerbach “Among all philosophers I worship and Admire this man the most”

conceitos. De sua experiência clínica virá o suporte para pensar a religião e ela será vista na maior parte das vezes vinculada ao desejo inconsciente do homem.

Na obra *O futuro de uma ilusão*, o conceito de projeção possibilitará o entrelaçamento entre o desejo inconsciente e sua realização na religião. Tal conceito é muito utilizado por Freud, desde sua fase pré-psicanalítica, quando ainda trabalhava com Breuer, surgindo em sua obra a partir da análise clínica dos casos de paranóia. Sua primeira aparição pode ser encontrada no “rascunho H”⁷ onde Freud analisa o caso de uma mulher que sofre de um transtorno paranóico⁸. Nesta análise, afirmará que a paranóia tem como propósito “rechaçar uma idéia que é incompatível com o ego, projetando seu conteúdo no mundo externo.” (FREUD, 2006, Vol 1 p. 256) A projeção seria o mecanismo com o qual o paranóico lida com as censuras inconscientes incompatíveis com o seu ego, colocando-as não mais como internas, mas como externas a si como forma de defesa. Segundo Laplanche e Pontalis, “a projeção aparece sempre como uma defesa, como a atribuição a outro – pessoa ou coisa – de qualidades, sentimentos, desejos que o indivíduo desconhece ou recusa em si” (LAPLANCHE, J. PONTALIS, 1970, p. 481)⁹. Na paranóia, o que é rechaçado pelo ego é conservado, mas o conteúdo da idéia é projetado para fora, o que gera uma alucinação que é ao mesmo tempo hostil ao ego, (pelo fato de atormentá-lo) mas favorável à sua defesa, que é permanente, uma vez que o rechaçamento possibilita ao ego lidar de uma forma melhor com tal sentimento, mas sem que haja apenas ganhos para o sujeito uma vez que este continua sendo atormentado pelo sentimento que ao invés de interno, agora se torna externo. É importante ressaltar que Freud desde o início faz uma vinculação entre a paranóia e o conceito geral de neurose:

O elemento determinante da paranóia é o mecanismo de projeção que envolve a recusa da crença na autocensura. Daí decorrem os aspectos característicos comuns da neurose: a importância das vozes como meio pelo qual as outras pessoas nos afetam, e também dos gestos, que nos revelam a vida mental das outras pessoas, e a importância do tom dos comentários e

⁷ FREUD, Sigmund. *Rascunho H*. Rio de Janeiro IMAGO ESB 2006 Vol I p. 253

⁸ Não nos ateremos neste artigo a explicitar o mecanismo da paranóia, uma vez que o propósito deste projeto é vincular a noção de projeção à questão religiosa. Acreditamos que na elaboração da tese o mecanismo e o processo da paranóia possam ser descrito de forma mais pormenorizada.

⁹ Doravante citado como VP seguido do número da página

das alusões das vozes – pois que uma referencia direta que ligue o conteúdo dos comentários à lembrança recalcada é inadmissível para a consciência (FREUD, 2006, Vol. 1, p. 275)

A paranóia, portanto, seria uma neurose de defesa e seu mecanismo principal é a projeção, que tem seu princípio mais geral na concepção freudiana de *pulsão*. Segundo afirma Laplanche e Pontalis,

O organismo está submetido a duas espécies de excitações geradoras de tensão: aquelas a que se pode fugir e de que se pode proteger, e aquelas a que não se pode fugir e contra as quais não existe inicialmente aparelho protetor (...); é este o primeiro critério do interior e do exterior. A projeção aparece então, como o meio de defesa originário contra as excitações internas cuja intensidade as torna demasiadamente desagradáveis: o indivíduo projeta-as para o exterior, o permite fugir e se proteger delas. Esta seria a origem da projeção. (VP 481,482)

A relação entre neurose e paranóia como já mostrado pode ser vista desde os primeiros escritos de Freud sobre o tema da paranóia, desenvolvendo-se à medida que Freud trabalha mais sobre o tema. Como afirma Laplanche e Pontalis,

Nos primeiros textos em que trata o tema da projeção paranóica, Freud as concebe como um mecanismo de defesa primária cujo caráter se esclarece por oposição ao recalçamento que atua na neurose obsessiva: nesta neurose, a defesa primária consiste num recalçamento no inconsciente do conjunto da recordação patogênica, e na substituição desta por um “sintoma primário de defesa”, a desconfiança de si. (VP 483)

Na paranóia, “existe igualmente um recalçamento, só que este acontece no mundo exterior, e o sintoma primário da defesa é a desconfiança em relação ao outro. O delírio, por sua vez, é concebido como um fracasso dessa defesa e como um “retorno do recalcado” que viria do exterior” (VP 483).

Pode-se notar no caso Schreber¹⁰ uma aproximação entre os mecanismos da paranóia e os mecanismos da neurose. Neste caso, em um primeiro momento o sentimento insuportável (amor homossexual) seria recalcado no interior do inconsciente e transformado em seu contrário. Em um segundo momento, este sentimento é projetado no mundo exterior. A projeção é, neste caso, a maneira de retornar o que está recalcado no inconsciente¹¹.

Laplanche e Pontalis afirmam que “o inconsciente envia pra fora a imagem do que nele existe de forma consciente – o sujeito conhece no outro o que desconhece em si. Isto caracteriza a ilusão.” (VP 484)

Em *Totem e Tabu*, ao tratar da questão do Tabu em relação aos mortos, Freud procura mostrar que a ambivalência dos sentimentos do homem primitivo faz com que este ao mesmo tempo crie um respeito pelo morto, mas também faz com que ele o tema. Como afirma Freud, “em quase todos os casos em que existe uma intensa ligação emocional com uma pessoa em particular descobrimos que por trás do tenro amor há uma hostilidade oculta no inconsciente” (FREUD, 2006, Vol 13 p. 74)

Esta hostilidade leva a pessoa a uma “autocensura obsessiva”, que pode ser vista como uma “forma patológica de luto” que se esvanece com o tempo. Não é que a pessoa enlutada seja a responsável pela morte, mas a psicanálise mostra que havia um desejo que lhe era inconsciente, que não ficaria insatisfeito com a ocorrência da morte e que poderia realmente tê-la ocasionado, se tivesse poder para isso. Após ter ocorrido, é contra este desejo inconsciente que as censuras seriam uma reação.

¹⁰ Cf. “Notas psicanálticas sobre um relato autobiográfico de paranóia”, 1911 (ESB VOL. XII), em que Freud analisa o caso de Daniel Paul Schreber a partir do livro de memórias escrito pelo próprio Schreber em 1903. Este atribuiu seus dois primeiros internamentos psiquiátricos à excessiva tensão mental, decorrente do fardo muito pesado de trabalho que carregava (na época havia assumido o cargo de Presidente de uma Divisão da Corte de Apelação (Senatspräsident) da Saxônia (Dresden)). Primeiramente, foi diagnosticado como sofrendo de hipocondria, mas seu quadro logo se agravou, tornando-se mais próximo da maneira como ficou por mais tempo (delírios engenhosos envolvendo religião e questões sexuais). Schreber se vê nestes delírios como um homem perseguido por Deus, que lhe infringe toda espécie de mal, ou, em termos gerais, Schreber encara seu problema como a luta entre ele e Deus. Ao mesmo tempo em que luta com Deus, Schreber lhe demonstrava reverência, evidenciando uma relação bastante ambivalente. Esse ambiente de luta demonstra para Freud um quadro paranóico que poderia ser elucidado pela psicanálise.

¹¹ É importante ressaltar que para Freud a projeção não desempenharia o mesmo papel em todas as formas de paranóia e que ela faz seu aparecimento não apenas na paranóia, mas também sob outras condições psicológicas, de forma que ela participa com frequência em nossa atitude com o mundo externo. Cf. FREUD, Sigmund. Notas psicanálticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranóides) 1911. ESB vol XII p. 74

Esta ambivalência varia de intensidade em cada ser humano, podendo ser em maior ou menor grau. Os neuróticos obsessivos possuem um grau elevado de ambivalência emocional original. Segundo Freud, “deve-se supor que a presença de um grau particularmente elevado dessa ambivalência emocional original é característica da disposição dos neuróticos obsessivos.” (FREUD, 2006, Vol. 13 p. 74)

A ambivalência emocional elevada levaria os homens “primitivos”¹² a produzir uma reação contra a hostilidade latente no seu inconsciente semelhante à que é expressa como autocensura obsessiva no caso dos neuróticos. A hostilidade sentida no inconsciente como satisfação pela morte é tratada de forma diferente pelos primitivos. Segundo Freud,

A defesa contra ela assume a forma de deslocá-la para o objeto da hostilidade, ou seja para os próprios mortos. Esse procedimento defensivo, comum tanto na vida mental normal quanto na patológica é conhecido como ‘projeção’. O sobrevivente nega assim que tenha algum dia alimentado quaisquer sentimentos hostis pelo morto querido, em vez disso, é a alma do defunto que os alimenta e procura pô-los em ação durante o período de luto. Apesar da defesa bem sucedida que o sobrevivente consegue através da projeção, sua reação emocional apresenta as características de castigo e remorso, porque é o sujeito dos temores, e submete-se a renúncias e restrições, embora estas sejam em parte disfarçadas como medidas de proteção contra o demônio. (FREUD, 2006 Vol 13 p. 74)

A partir da ambivalência é possível mostrar que a projeção não é um mecanismo que acontece apenas na paranóia, mas também é vista nos neuróticos obsessivos, e é uma das bases para a formação dos tabus nos povos primitivos e será também um mecanismo importante na elaboração das ideias religiosas.

4. A análise da religião proposta por Freud

¹² No texto analisado nesta passagem, (*Totem e Tabu*) o termo primitivo indica os aborígenes australianos, a partir dos quais Freud tentará mostrar a origem do totemismo. O homem primitivo para Freud é o homem em seu estágio pré-científico, i.e., o homem que ainda não conhece as leis da natureza e por isso atribui aos eventos naturais uma divindade, ou uma personificação que é no fundo fruto da ignorância deste homem.

A religião é um dos temas abordados por Freud a partir de seu estudo das neuroses por ele observadas durante as sessões de análise. Ele escreveu vários textos tentando mostrar a natureza do fenômeno religioso, analisando o significado dos ritos e do comportamento religioso.¹³ Em relação a essa temática, Freud sempre se mostra influenciado pela via iluminista e se caracteriza também pela suspeita em relação à religião, e é justamente nessa oposição que se encontra a originalidade do pensamento de Freud sobre a religião. Como atestam Rocha & Maciel,

Enquanto pensador iluminista, ele sempre professou seu ateísmo radical e mais de uma vez afirmou sua descrença completa nos valores religiosos, todavia, o interesse pelo estudo da religião e, sobretudo pelo estudo das motivações psíquicas que estão na base das opções religiosas marcou toda a sua obra. (ROCHA & MACIEL 2008 p. 729)

Freud inicia seus estudos sobre a religião com a publicação do texto *Atos obsessivos e prática religiosa* em 1907. Nesse texto chama a atenção para a analogia existente entre as cerimônias religiosas e os atos praticados pelas pessoas obsessivas. Segundo ele, na dinâmica psíquica do neurótico obsessivo, um recalque insatisfatório ocasiona um elevado grau de angústia. Para se livrar de tal sentimento, o doente lança mão de defesas secundárias, dentre as quais estão os rituais obsessivos. O mesmo ocorre no homem religioso: a mesma “fuga” para uma defesa secundária se instala na tentativa de realizar o desejo recalçado. Como esse recalque não é capaz de suprimir a angústia, o homem religioso lança mão de cerimônias e práticas religiosas a fim de conseguir isso. Tal como dizem Rocha & Maciel, o religioso enfrenta um grande conflito, isto é, “obedecer às pulsões e desobedecer à lei ou obedecer à lei e abrir mão das pulsões. Sendo assim, os rituais assumem uma função protetora diante do conflito.” (ROCHA & MACIEL 2008 p. 731) Freud considera que “os atos cerimoniais obsessivos surgem, em parte, como proteção contra o mal esperado.” (FREUD, 1976, Vol 9

¹³ Cf. FREUD, Sigmund. *Atos obsessivos e práticas religiosas*. Rio de Janeiro IMAGO ESB 2006 v.9; *Notas sobre um caso de neurose obsessiva* Rio de Janeiro IMAGO ESB 2006 v. 10; *Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância*, Rio de Janeiro IMAGO ESB 2006 v.13; *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia* Rio de Janeiro IMAGO ESB 2006 v.13; *Grande é a Diana dos Efésios*, Rio de Janeiro IMAGO ESB 2006 v. 13; *Dostoiévski e o parricídio*, Rio de Janeiro IMAGO ESB 2006 v. 21; *Psicologia de grupo e análise do ego*, Rio de Janeiro IMAGO ESB 2006 v. 18.

p. 111). Dessa forma, o que resta para o religioso e o obsessivo é simplesmente procurar tratar-se desse mal e tentar viver uma vida que se pautaria pela via racional.

Já no final de sua vida, Freud escreve *O futuro de uma ilusão*, que é sem dúvida o principal texto de referência quando se pretende entender a religião no pensamento desse autor. Nesse brilhante texto, a razão deve imperar sobre o homem, e as produções humanas devem ser submetidas ao tribunal por ela governado, inclusive a religião. Freud afirma que “acima da razão não há tribunal a que apelar. Se a verdade das doutrinas religiosas depende de uma experiência interior que dá testemunho dessa verdade, o que se deve fazer com as muitas pessoas que não dispõem dessa rara experiência?” (FREUD, 1976 Vol. 21 p. 40)

Religião e ciência¹⁴ não se misturam; ou se adota o paradigma científico, ou o religioso. As funções da religião apontadas por Freud, tais como dar sentido à vida, controlar os impulsos e recompensar com a vida eterna os sofrimentos da vida presente, não a qualificam como algo que deva ser mantido para o homem. Como afirma Morano, “a religião, da perspectiva psicanalítica, deve ser considerada uma tentativa frustrada de dominar o mundo dos sentidos por meio de aspirações que se desenvolveram a partir de uma série de necessidades biológicas ou psicológicas” (MORANO, 2003 p. 71).

Se à religião é negada o status de conhecimento sobre o mundo, Freud tentará mostrar que a razão é a única capaz de solucionar os problemas que a religião não conseguiu resolver:

Nosso Deus, *logos*, atenderá todos esses desejos que a natureza a nós externa permita, mas o fará de modo muito gradativo, somente num futuro imprevisível e para uma nova geração de homens. Não promete compensação para nós, que sofremos penosamente com a vida. No caminho para esse objetivo distante, suas doutrinas religiosas terão de ser postas de lado, por mais que as primeiras tentativas falhem ou os primeiros substitutos se mostrem insustentáveis. Você sabe por que: a longo prazo, nada pode resistir à razão e à experiência, e a contradição que a religião oferece a ambas é palpável demais. Mesmo as idéias religiosas purificadas não podem escapar a esse destino, enquanto tentarem preservar algo da consolação da religião. Indubitavelmente, se confinarem à crença num ser espiritual superior, cujas qualidades sejam indefiníveis e cujos intuitos não possam ser discernidos, não só estarão à prova do desafio da ciência, como também perderão sua influência sobre o interesse humano. (FREUD, 1976 Vol. 21 p. 68)

¹⁴ A relação entre ciência e religião é muito significativa na obra freudiana, mas não será desdobrada no artigo dada a sua dimensão.

Ele deixa bem claro que a religião tem como destino ser superada à medida que o homem se torna um ser científico, e nem mesmo as consolações advindas do discurso religioso serão suficientes para impedir tal fim. Algo interessante a se notar é que Freud substitui o deus da crença religiosa pela crença no deus *logos*. E se esse deus não passasse de uma ilusão, tal fato não traria tantos prejuízos aos homens, o que não acontece com o deus da crença religiosa.

A religião não passaria de uma ilusão, mas também poderia ser esclarecida pela relação entre pai e filho, em que este sente a necessidade da proteção paterna, mas ao mesmo tempo o odeia por separá-lo de sua mãe, com a qual mantinha uma relação fusional quando bebê. Esse sentimento infantil, para Freud, perdura por toda idade adulta e é nele que se funda a idéia de *Deus*. Este último nada mais é que a imagem idealizada do pai, na qual a criança, e agora o adulto, busca proteção para superar o seu desamparo. Essa criação de um pai onipotente e protetor seria uma projeção da figura paterna em uma instância superior. A fixação a essa imagem, na idade adulta, constitui, para Freud, uma ilusão. Isso não faz dessa fixação um erro ou um engano, mas sim uma produção psíquica fundada no desejo. É a força desse desejo que motiva a produção da ilusão e alimenta a crença em Deus. Segundo Freud,

A psicanálise tornou conhecida a íntima conexão existente entre o complexo do pai e a crença em Deus. Fez ver que um Deus pessoal nada mais é, psicologicamente, do que uma exaltação do pai, e diariamente podemos observar jovens que abandonam suas crenças religiosas logo que a autoridade paterna se desmorona. (FREUD, 1976 Vol. 11, p. 112)

5. Religião e Projeção a partir da Psicanálise

Pode-se notar que o conceito de projeção está no cerne do problema da religião evidenciado por Freud, principalmente a partir de *O futuro de uma ilusão*. No entanto, ainda que a projeção em Freud seja o elemento no qual a religião se baseie, o conhecimento da religião possibilita que ela seja vivida de forma madura e não infantilmente. É notável que Freud se proponha a afastar-se de uma “metafísica” ao falar de religião. Freud, ao analisar o

problema da superstição, afirma que o erro da superstição é que o supersticioso nada sabe da motivação dos seus atos casuais e seus atos falhos, e por isso tende a atribuir ao acaso externo um sentido, e ver no acaso um meio de expressão de algo que se oculta no mundo externo. Ele projeta para fora uma motivação que deve ser procurada dentro, i.e., no inconsciente, e isso diferencia o supersticioso do homem que entende o funcionamento do psiquismo. É esse desconhecimento dos processos psíquicos que permite a superstição. Como afirma Freud

O supersticioso nada sabe da motivação de seus próprios atos casuais, e porque o fato dessa motivação pressiona pela obtenção de um lugar no campo de seu reconhecimento, ele se vê forçado a situá-la, por deslocamento, no mundo externo. [...] De fato, creio que grande parte da visão mitológica do mundo, que se estende até as mais modernas religiões, nada mais é do que a psicologia projetada no mundo externo. O obscuro reconhecimento dos fatores psíquicos e das relações inconscientes espelha-se na construção de uma realidade sobrenatural, que se destina a ser retransformada pela ciência na psicologia do inconsciente. Poder-se-ia ousar explicar dessa maneira os mitos do paraíso, e do pecado original, de Deus, do bem e do mal, da imortalidade etc., e transformar a metafísica em metapsicologia. (FREUD, 2006, Vol . 6 p. 254)

A projeção novamente aparece vinculada à religião, agora vinculada à noção de ignorância. Por não conhecer o funcionamento psíquico, o homem projeta no mundo externo algo que deveria buscar em uma instância interna; e assim, toda a metafísica pode e deve ser re-transformada em metapsicologia. Freud, na sequência deste texto, afirma que os primeiros povos viram-se constrangidos a explicar o mundo antropomorficamente, à sua imagem e semelhança. Ele afirma que

Quando os seres humanos começaram a pensar, viram-se constrangidos, como se sabe, a explicar o mundo externo antropomorficamente, através de uma profusão de personalidades concebidas a sua semelhança; as casualidades, supersticiosamente interpretadas, eram, portanto atos e manifestações de pessoas, e eles se comportavam, por conseguinte, tal como os paranóicos, que tiram conclusões dos sinais insignificantes que lhes são fornecidos por outras pessoas, e tal como todas as pessoas normais, que com todo direito baseiam sua estimativa do caráter de seus semelhantes nos atos casuais e não deliberados destes. (FREUD, 2006, Vol . 6 p. 255)

Pode-se notar que há uma vinculação entre a religião e a ignorância no pensamento de Freud, nesse sentido, a religião será superada à medida que o homem der mais valor à ciência. A projeção da figura paterna deverá ser abandonada no processo de amadurecimento do ser humano, levando conseqüentemente à "destruição" da religião, a sua aniquilação.

No entanto, será apenas este o futuro da religião para a psicanálise? Será que o processo projetivo será sempre nocivo ao sujeito de forma que ele deva viver sem este processo para se tornar o homem científico proposto por Freud? Até que ponto o processo de projeção auxiliaria o sujeito na sua vivência como o mundo? Projeção agora não entendida como fuga, mas como vislumbre de algo a ser conquistado por ele. Até que ponto a projeção e de igual forma a ilusão podem ser considerados processos indispensáveis ao homem para lidar com a realidade e não apenas obstáculos para com ela? Algo bastante claro que se vê hoje é um retorno da religiosidade no mundo. Basta olharmos a nossa volta para vermos diversas igrejas sendo abertas, novos cultos sendo propagados. Aparentemente a "profecia" freudiana de que a religião seria superada à medida que o homem se tornasse mais "científico" não parece estar se concretizando. Pelo contrário, a ciência que prometeu ao homem o livrar de seus sofrimentos e plena satisfação dos desejos, acabou prometendo o impossível. Ao mesmo tempo o esvaziamento de uma idéia de uma religião institucionalizada acabou contribuindo para uma religiosidade que se vincula mais a uma construção da identidade do indivíduo que uma vinculação a uma instituição específica alterando a forma como o homem lida com a religião. O processo de projeção continua a fazer parte do homem que não mais pode ser considerado "primitivo", o que nos leva a acreditar que tal processo se constitui como uma forma do homem lidar com o mundo na tentativa de fazer do mundo algo a ser amado por ele. Como se a crença em algo equivalesse a um não querer morrer em mundo sem sentido. Nesta nova relação do indivíduo com a religião, a psicanálise se coloca como uma boa chave para pensarmos este fenômeno contemporâneo. Crença e projeção se ligam como uma forma do homem lidar com o mundo. No caso freudiano, esta crença é condenada como ignorância, mas podemos perceber que isto está longe de ser correto. A crença (religiosa) se coloca como uma mediadora entre o homem e o mundo, e assim a religião adquire o seu caráter positivo, servindo como agente transformadora do mundo e não mera criação de universos metafísicos.

6. Conclusão

Procuramos mostrar neste artigo as contribuições da psicanálise no seu debate com a religião a partir do conceito de projeção estudado por Freud. Para isso optamos por fazer uma elucidação do conceito freudiano de projeção e depois mostrar que a crença religiosa pode se valer da projeção não apenas como mecanismo de defesa, mas como uma valiosa aliada na construção de um mundo com sentido para o ser humano. Se pensarmos a projeção em seu caráter positivo (um vislumbre de um futuro a ser conquistado), veremos que ela se torna algo indispensável para a relação homem e mundo. A projeção passa a ser não mais um “mecanismo de defesa”, mas passa a funcionar como um impulsionador do homem em direção ao futuro gerando a este homem a esperança de viver em um mundo que faça sentido para ele. Dessa forma, a crença tem na projeção não uma inimiga, mas uma aliada, pois o homem projeta no futuro aquilo que crê que seja o melhor para a sua vida. “Cri, por isso falei” (2 , Cor. 4: 13), já nos dizia São Paulo na sua carta aos Coríntios. A crença, portanto pode ser vista como algo que impulsiona uma ação. Que faz o homem transcender o seu caráter meramente biológico, o colocando como agente de um mundo que se transforma e ganha sentido pela palavra.

Referências Bibliográficas

- ASSOUN, Paul-Laurent. **Freud: a filosofia e os filósofos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A. 1978. 223 p.
- FREUD, Sigmund. **Atos obsessivos e práticas religiosas**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1976. 281 p. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud; 9)
- _____. **Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1976. 252 p. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud; 11)
- _____. **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranóides)** Rio de Janeiro: IMAGO, 2006. 406 p. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud; 12)
- _____. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1976. 309 p. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud; 21)
- _____. **Rascunho H**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2006. 308 p. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud; 1)
- _____. **Rascunho k**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2006. 308 p. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud; 1)
- _____. **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1976. 297 p. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud; 6)
- _____. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2006. 320 p. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud; 13)
- _____. **Cartas entre Freud & Pfister (1909 - 1939)** um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã. Viçosa: Ultimato, 2003. 200 p.
- GAY, Peter. **Freud a life for our time**. New York: W.W. Norton & company. 1998. 810 p.
- KOLTAI, Caterina. O inconsciente seria politicamente incorreto? **Reverso**, Belo Horizonte, v. 34, n. 63, p. 33 - 43, Jun. 2012.
- KÜNG, Hans. **Freud e a questão da religião**. Campinas, Verus, 2006. 190 p.
- _____. **Freud and the problem of God**. Nova York: Doubleday e Company, 1979. 187 p

LACAN, Jacques. **O triunfo da religião precedido de Discurso aos católicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005 (campo freudismo no Brasil. Série paradoxos) 85p

LAPLANCHE, J. PONTALIS, J.B. **Vocabulário de Psicanálise**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1970. 707 p

MORANO, Carlos Dominguez. **Crer depois de Freud**. São Paulo: Loyola, 2003. 312 p.

_____. **Psicanálise e religião: um diálogo interminável**. Sigmund Freud e Oskar Pfister. São Paulo: Loyola, 2008. 320 p.

ROCHA, Zeferino de Jesus Barbosa; MACIEL, Karla Daniele de Sá Araujo. Dois discursos de Freud sobre a religião. **Revista Mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, v. 8, n. 3, p. 729-754, set. 2008.

SPONG, Jhon Shelby. **Um cristianismo novo para um mundo novo. A fé além dos dogmas**. Verus, 2006. 298 p.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da Religião**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1991. 195 p.

Universidade Católica de Petrópolis
Centro de Teologia e Humanidades
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis
Tel: (24) 2244-4000
synesis@ucp.br
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



VELIQ, Fabiano. RELIGIÃO E PROJEÇÃO EM FREUD. ELEMENTOS PARA O DEBATE ENTRE PSICANÁLISE E RELIGIÃO. *Synesis*, v. 8, n. 2, dez. 2016. ISSN 1984-6754. Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis&page=article&op=view&path%5B%5D=1131> . Acesso em: 27 Dez. 2016.
